

## **Cemitério Municipal São José: um espaço da Egiptomania em Ponta Grossa**

Maura Regina Petruski

Prof. Dr.de História Antiga da Universidade Estadual de Ponta Grossa

e-mail: [mpetruski@uol.com.br](mailto:mpetruski@uol.com.br)

**Resumo:** A egiptomania se desenvolveu inicialmente em território europeu espalhando-se, gradativamente, para outros continentes. Trazendo em seu bojo a re-significação da cultura egípcia, esse trabalho procura mostrar a presença dessa perspectiva cultural no espaço cemiterial na cidade de Ponta Grossa.

**Palavras chave:** egiptomania, cultura egípcia, cemitério e arte cemiterial.

## **Introdução**

O ponto de partida para o presente trabalho são alguns símbolos criados pelo Povo da Esfinge, que foram objeto de interpretações variadas por distintas civilizações ao longo da história. Tal referência é reflexo dos mistérios que as envolviam pois, até o século XIX, eles ainda não haviam sido decodificados.

Com efeito, tais representações simbólicas anularam o tempo e, até hoje, continuam mexendo com o imaginário dos homens pela sua perspectiva enigmática, que vai além de seu conjunto arquitetônico construído de pedras.

As pirâmides, os templos, os obeliscos e a esfinge, que se tornaram ícones dessa civilização, são algumas dentre outras construções que homens compartilharam e, também outros deles se apropriaram, obscurecendo seu verdadeiro sentido e significado, re-utilizando-os.

Inicialmente foram os europeus que se “apossaram” da cultura egípcia, que foi se espalhando para outras terras.

No Brasil, indícios dessa cultura também se fazem presente em inúmeros locais, como destacou Margaret Marchiori BAKOS ( 2005, p. 273):

(...) elementos da cultura egípcia antiga, no Brasil, chegou até nós vindo da África às Américas, ao sabor das etnias, de credos e de valores mundanos muito diferenciados. Tais práticas se constituem, além de exemplares únicos, em fragmentos preciosos de um fenômeno de transculturação de longa duração, que vem atravessando espaços oceânicos e continentais em um movimento contínuo e intermitente: a apropriação, por outras culturas, de elementos do antigo Egito. Elas demonstram que a civilização ocidental foi construída tomando algumas peças de empréstimo ao oriente, ainda que o mosaico resultante fosse sempre diferente, essencialmente ele era o mesmo .

Todavia foi na transição do século XVIII para o XIX, que encontramos o “boom” da re-significação de elementos dessa cultura, atingindo diversas regiões.

### **1. O despertar do Egito**

A princípio era apenas uma expedição militar, mais uma dentre as várias empreendidas por Napoleão Bonaparte que buscava ampliar seus domínios, no final do século XVIII. Todavia sua diferença em relação às demais empreendidas por este estadista, é que essa possuía uma dupla

função: militar e científica, pois além de seu contingente de militares, dela fazia parte desenhistas, arquitetos, engenheiros e copistas que, enquanto um grupo lutava com armas, eles lutavam contra o tempo utilizando-se de papéis e lápis, na tentativa de registrar o maior número possível de elementos da cultura egípcia, contidos no interior de pirâmides, templos e mastabas, entre outros lugares.

Até esse momento, século XVIII, a escrita egípcia ainda era uma incógnita para o mundo, pois até então ela não havia sido decifrada. No pensamento de muitos indivíduos, ela exprimia a crença estruturada simbolicamente em conceitos religiosos, filosóficos e mágicos. Essa tendência já estava contida na obra produzida no IV século, por Harapollo, intitulada *Hieroglyphica*, que apresentava explicações simbólicas do significado de inúmeros sinais da escrita dos egípcios.

Contudo, essa forma de posicionar-se quanto à escrita dos nilóticos caiu por terra em 1821 quando, Jean François Champollion, anunciou ao mundo seu deciframento que foi possibilitada, entre outras coisas, a partir do texto contido na Pedra de Roseta<sup>1</sup> encontrada por militares de Napoleão, e levada à França, a qual passou a servir de referência para os trabalhos de pesquisa.

Alguns componentes que fizeram parte da expedição “militar-científica francesa” revelaram seus estudos por meio de palestras e manuscritos, junto a Academia Francesa. A pedido do próprio Napoleão foi publicada a obra intitulada *Description de l'Égypte*, em 1812, composta de 12 volumes, que atingiu grande repercussão por toda a Europa, aumentando mais uma vez o interesse pela Terra das Pirâmides.

Como resultado desse novo interesse pelo Egito Antigo, três tendências podem ser apresentadas: a primeira, a **Egiptofilia**, que tem como preocupação o exotismo manifestado na posse de objetos produzidos no Egito Antigo; a segunda, a **Egiptologia**, que possui cunho científico, pois é o campo do conhecimento que estuda elementos concernentes ao Egito Antigo; e a terceira, a **Egiptomania** que é a apropriação e a re-utilização de traços da cultura do Egito Antigo, dando-lhes muitas vezes, novos significados.

Esse fenômeno, de tomar de empréstimo elementos circunscritos da cultura egípcia, dando-lhes vida nova, não foi uma exclusividade do século XIX, podendo ser apresentado como uma prática milenar, o que testemunha o interesse pela Terra dos Faraós desde tempos muito antigos.

---

<sup>1</sup> A Pedra de Roseta foi encontrada em 1799, no Forte de São Jerônimo. Uma laje sólida de basalto negro, com 118 centímetros de altura, 77 centímetros de largura e 762 quilos. Nela está grafado um texto em três diferentes escritas: hieroglífica, demótica e grega, datado de 196 a.C..

COELHO & SANTOS (2005, p. 90) indicam a origem dessa perspectiva com os romanos, quando o pretor Caius Cestius, que contribuiu com o principado de Augusto (27 a.C.–14 d.C.) que mandou erigir em Roma, seu túmulo em forma de pirâmide entre os anos de 15 e 12 a.C.”.

Também durante a administração do Imperador Romano Augusto, viram-se chegar diretamente do Egito para Roma, vários monumentos egípcios, dentre eles alguns obeliscos que simbolizavam seu novo poderio junto a essa terra. Séculos mais tarde, XVI e XVII, mais uma vez, a Itália serviu de palco para abrigar objetos egípcios, só que nesse momento pelas mãos de Pietro Della Valle (1586-1615) que realizou visitas à Terra dos Faraós em busca de antiguidades, chegando a levar à Itália algumas múmias e inúmeros manuscritos egípcios.

Contudo, a paixão pelo Egito ressurgiu,

(...) na Renascença, graças à criação da imprensa, quando os livros se multiplicaram e o interesse do homem pelas próprias realizações aumentaram e os progressos técnicos facilitaram a navegação ao oriente. O mundo letrado dos finais do século XV, face ao incentivo dos humanistas, descobriram o Egito, pelos relatos dos viajantes e dos historiadores antigos (BAKOS, 1992, p.2).

Nesse mesmo momento, outro ponto que contribuiu para o despertar dessa civilização se deu com a ampliação do conceito de arte, como destacou COLI (1995, p.67): “no fim do século XVIII para cá que a nossa concepção de arte alarga-se, conquistando, cada vez mais, terrenos novos: descobre-se a arte oriental, a egípcia, a popular, a “ingênua”, a africana, a oceânica, a arte industrial, os *graffiti*”.

Entretanto, a solidificação do interesse pela cultura nilótica se deu após 1922, com o descobrimento de Howard Carter da tumba do faraó Tutancâmon (1338-1328 a.C.) que estava intacta. A notícia desse achado se espalhou pelos quatro cantos do mundo, fazendo com que o olhar para essa cultura fosse mais uma vez estendida, como também levou a essa região um grande número de aventureiros em busca de antiguidades, momento em que ocorreu uma exploração desenfreada sendo contida, parcialmente, somente a partir da segunda metade do século XX.

Dessa forma, constata-se que durante diferentes momentos da história da humanidade, a história e a cultura da civilização egípcia foi revisitada com diferentes fins. Para designar esse fenômeno presente em distintas temporalidades, BAKOS (2002, p. 01) indica quatro expressões:

revificação egípcia, estilo do Nilo, faraonismo e ainda egiptomania, sendo que entre os estudiosos do assunto, a última nomenclatura é a mais utilizada.

Para BAKOS (2005, p. 237) “a egiptomania é muito mais que uma simples mania, moda ou exotismo. Ela consiste no empréstimo dos mais espetaculares elementos, na apropriação da essência original da arte do antigo Egito, então trazidos à vida através desses novos usos”.

J. HUMBERT (1994, p.08) informa que “a egiptomania se desenvolveu da conjunção entre as descobertas acadêmicas, o saber popular e os relatos de viajantes e escritores, tendo se alimentado continuamente do repertório ilimitado de crenças e mitos universais”.

Já para Raquel dos Santos FUNARI (2004, p. 06)

(...) a egiptomania surge em uma junção de ciências e imaginação. Ela drena substância de conhecimentos acadêmicos sobre o antigo Egito, do saber popular, transmitido por viajantes e escritores, e do repertório de mitos e símbolos assim gerados. Esta fascinação pelo antigo Egito toca todas as artes no ocidente, desde a arquitetura, música, pintura, escultura até o cinema. Não há gênero que tenha escapado de sua influência. A escala de desvios toma tal proporção que desaconselha qualquer tentativa de dar exclusividade de gênero para classificar e sistematizar as práticas de egiptomania. O interesse por formas místicas e espirituais antigas sofreu o forte impacto das descobertas arqueológicas no Egito e o conhecimento da religião egípcia marcou a História de movimentos espirituais, no século XIX .

Vale ressaltar que essa tendência embora presente em distintos setores não tem a rigorosidade como perspectiva, pois ela busca a resignificação de princípios básicos dessa cultura, pois sua aplicação possui fins variados.

Assim, a presença de elementos da cultura egípcia pode ser encontrada numa variedade de formas: fachada de casas e prédios, decoração do interior de residências, jóias, pintura, escultura, monumentos públicos e também na arquitetura cemiterial<sup>2</sup>, sendo esse último objeto de referência desse trabalho.

Porém antes da corrida pela aproximação com o mundo egípcio, nesse momento, vale ressaltar que fragmentos do Povo das Pirâmides já estavam presentes em solo brasileiro.

---

<sup>2</sup> Também conhecida como arte cemiterial, tumularia ou funerária.

## **2. O Egito Antigo no Brasil.**

Seguindo os passos da nobreza européia, integrantes da dinastia dos Bragança deram o ponta pé inicial para que os vestígios da Terra dos Faraós chegassem ao Brasil. D. Pedro I foi quem protagonizou essa perspectiva, quando abriu espaço para a inauguração desse laço cultural entre o Brasil e o Egito Antigo em 1824, momento em que adquiriu várias peças egípcias do italiano Fiengo, que fazem parte do primeiro acervo brasileiro.

Posteriormente seu filho D. Pedro II, ampliou e fortaleceu o vínculo entre esse país e o Brasil, ao tornar-se um estudioso dessa cultura e também o precursor do turismo de brasileiros naquele país<sup>3</sup>. Visitou o Egito duas vezes (1781 e 1876), sendo que na sua segunda viagem, recebeu das mãos do Paxá egípcio, Quediva Smael, um sarcófago da época Saíta, da VII dinastia. Essa peça, juntamente com as muitas outras presentes no Brasil, faz parte da coleção que se encontra exposta em três salas, no segundo pavimento do Museu Nacional, sendo considerada a maior e a importante da América Latina.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro está situado no Paço de São Cristóvão, e foi fundado em 25 de junho de 1892, sendo ocupado até então como residência da família imperial.

Nesse espaço pode ser observada uma coleção diversificada proveniente de diferentes regiões e períodos da história dessa civilização. De acordo com Sheila Maria F. Mendonça e SOUZA (2005, p. 134), esta coleção passou a Patrimônio da Nação sendo, por mais de um século objeto de estudos, principalmente voltados para os textos hieroglíficos e as estelas funerárias que a compõem.

O russo de São Petersburgo, Alberto Childe, foi nomeado como conservador desse museu entre 1912 – 1938, sendo também o autor do primeiro catálogo desse acervo, no qual consta os seguintes números: 55 estelas e baixos-relevos, 15 sarcófagos e fragmentos, 81 estatuetas votivas e funerárias, 216 ushbatis, 29 múmias e partes, 54 amuletos, símbolos e escaravelhos, 5 papiros, 69 miscelânea, 100 objetos e bens funerários.

---

<sup>3</sup> Através da descoberta em 1890, do diário da viagem deduz-se que o Imperador iniciara o estudo da egiptologia antes de sua primeira visita ao exterior, pois manteve correspondência com egiptólogos renomados, tais como, François Mariette, um dos mais importantes egiptólogos do mundo, fundador do serviço de antiguidade egípcia e também um dos organizadores do Museu do Cairo.

As primeiras obras arquitetônicas brasileiras com elementos egípcios foram construídas no final do século XVII, com iniciativa da família real, na época em que o Rio de Janeiro era a capital do reino e estava passando por reformas em seu espaço urbano.

Tal perspectiva respingou também na arquitetura cemiterial que passou a ser realizada com simbologias dessa cultura.

## **2. A Egiptomania na arquitetura tumular.**

O cemitério, entre seus muros, é portador de um acervo cultural cuja arquitetura sofreu interferências de diferentes povos e culturas, pois nesse espaço santo estão reproduzidos símbolos estabelecidos no mundo dos vivos.

Os túmulos são depositários de valores e idéias construídas primeiramente no imaginário dos homens, porém estes, não são perpétuos, porque sofrem mutações de acordo com a mudança de valores e comportamentos dos próprios homens. O imaginário social, “além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e com os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas” (BACZKO 1985, p. 23).

Nesse sentido, foi em 1803, com a construção do Cemitério Père Lachaise em Paris, por ordem de Napoleão Bonaparte, que encontramos o ponto de partida para que a Egiptomania na arquitetura tumular despontasse, sendo posteriormente levada para outros lugares.

No Brasil essa tendência em construções mortuárias aparece inicialmente no final do século XIX, no Rio de Janeiro e, posteriormente em São Paulo, espalhando-se por outras cidades do país.

Em Ponta Grossa<sup>4</sup>, no Cemitério Municipal São José, cuja inauguração oficial ocorreu em 12 de outubro de 1890, que é o campo santo mais conhecido da cidade, encontramos três túmulos que possuem elementos que nos remetem a prática da Egiptomania nessa cidade, os quais serão detalhados a seguir.

---

<sup>4</sup> A cidade de Ponta Grossa está localizada no Estado do Paraná. Sua origem histórica está ligada ao tropeirismo na região. Foi elevada a condição de freguesia em 15 de setembro de 1923, através do Decreto Imperial assinado por D. Pedro I.

### **1º Túmulo: em forma de Pirâmide**

Entrando pela porta principal do campo santo ponta-grossense e caminhando à direita, logo pode ser avistada a construção em base quadrangular, medindo 3m de frente por 2,5 m de fundo, a qual converge em faces triangulares a uma altura de quase 3 m, em formato de pirâmide.



**Figura 01 e 02** – O pórtico do túmulo em forma de pirâmide visto de frente. A segunda é a sua visão lateral.

O significado da palavra pirâmide é derivado do grego: *pyra* = fogo, luz, símbolo e *midos* = medidas, e foram construídas para abrigar corpos de reis e rainhas, sendo apresentadas como símbolo máximo da cultura egípcia. Elas estão ligadas ao imaginário dos homens às forças místicas e sobrenaturais, porque sua configuração remete a morada dos mortos que é eternizada sob um monte de pedras cujo aspecto misterioso e impenetrável se fazem presentes.

Em sua verticalidade pode ser verificado o escalonamento decorativo, na forma de blocos de pedras, muito próxima daquelas que foram construídas no Egito Antigo, os quais se sobressaem na construção que representa solidez e durabilidade.



**Figura 3** – Desenho representando os blocos de pedra.

BAKOS (2004, p.48) apresenta sete elementos místicos que as pirâmides simbolizavam para os egípcios: colina primordial; caminho para o céu; desejo de eternidade; monte funerário; raios de sol; morada do Ka, a alma terrestre e ponto de encontro entre o espiritual e o racional.

A pirâmide é o símbolo mais re-significado, re-utilizado e o mais difundido da Terra dos Faraós, que chama a atenção exatamente por não se enquadrar nos modelos tumulares que estão a sua volta, que normalmente são retangulares com gavetas umas sobre as outras, ou uma ao lado da outra.

Três degraus levam até o portal do túmulo que vem decorado com flores de quatro pétalas.



**Figura 4** – Flores em relevo que circulam o portal do túmulo em forma de pirâmide.

Na base, do lado esquerdo da pirâmide, para quem está de frente ao portal encontramos esculpida numa lápide de mármore branco, em relevo, uma imagem feminina de perfil que divide o espaço em seu lado esquerdo com uma representação de um ramo de folhas, que vai de alto a baixo.



**Figura 5 e 6** – A primeira é à base do túmulo do lado esquerdo evidenciando os espaços que são colocados os corpos. A segunda é a tampa da primeira gaveta que possui uma representação feminina esculpida no mármore.

## **2º Túmulo com as Esfinges.**

Localizado aproximadamente a oito metros atrás do túmulo em forma de pirâmide, o monumento funerário que possui a representação de duas esfinges pode ser apresentado como o mais enigmático dos três que se enquadram na perspectiva da Egiptomania, pois nele não encontramos nenhuma lápide, fotografias, imagens, mensagens ou dados biográficos.

A esfinge é uma composição híbrida que comporta um corpo de leão com uma cabeça humana. Trata-se de uma figura real, usando o nemes, toucado usado especificamente pelos monarcas, que portavam também uma falsa barba, outro atributo da realeza. Originalmente, e por um longo tempo que se sucedeu, a esfinge tomou a forma de um animal deitado, com as pernas da

frente estendidas e separadas uma das outras, sendo que algumas foram feitas caminhando e outras, mais raramente, sentadas (BAKOS, 2008, p.24).



**Figura 7** – O túmulo que contém as duas esfinges visto lateralmente.

O significado da esfinge sofreu inúmeras transformações a partir de suas diferentes práticas, práticas essas que lhe conferiam papéis diversos, construídos sobre seu sentido original, egípcio, que remete à vida eterna, ao seu caráter de entidade amistosa e protetora. Esse sentido permaneceu até a sua apropriação e transformação pelos gregos, que lhe atribuíram traços de criatura raivosa, maligna e destruidora, sendo capaz de aniquilar aqueles que não lhe desvendassem o segredo, como é caracterizada no mito de Édipo (BAKOS, 2008, p. 24).

Nesse túmulo, as esfinges com corpo de leão e rostos masculinos guardam o lugar, que não se sabe quantos corpos ali estão depositados. Elas são figuras bem definidas que medem 50cm de altura e 1,5m de comprimento, com curvas bem marcadas nas costas e patas. Na base em que elas estão apoiadas existe uma coluna, sendo que as duas possuem a mesma decoração em forma oval.



**Figuras 8 e 9** – A primeira é a esfinge que está ao lado esquerdo do túmulo. A segunda está no lado esquerdo.

As faces das representações apresentam contornos diferentes no formato do rosto e do nariz, na expressão do sorriso e no desenho da sobrancelha, porém as duas portam o nemes, sobre a cabeça que simboliza na cultura nilótica. Segundo HUMBERT (1994, p.32), “quando as esfinges portam o nemes real, significa de um lado, que elas são uma manifestação do faraó, de outro, que são, um exemplo de egiptomania”.

Entre as esfinges situadas numa posição de guardiãs uma estela medindo 2m de altura sob a qual se encontra o símbolo cristão de uma cruz.



**Figuras 10 e 11** – A primeira é a estela que está entre as esfinges. A segunda é a parte superior da estela na qual se encontra uma figura de uma santa segurando uma cruz.

Na cultura egípcia, as estelas funerárias estão presentes no conjunto da simbologia mortuária desde o Reino Antigo, nas quais eram registrados dados biográficos, sendo utilizadas tanto pelos nobres quanto para as pessoas de classes inferiores.

WARMENBOL (1995, p.59) informa que:

Desde os finais do século XVII, quando as esfinges começaram a decorar os parques e construções da Europa, o tratamento de suas formas, sempre mais casuais e imaginativos, fogem para longe e longo do protótipo egípcio. É somente no final do século XVIII que o retorno aconteceu. Em princípio a aparência das esfinges são semelhantes, mas elas podem se distinguir muito umas das outras, pela forma, pela posição, pelo toucado e pelo papel que desempenham, segundo o contexto onde são instaladas.

### **3º O Mausoléu**

Localizado no terceiro corredor à direita, paralelo ao central, esse é o maior túmulo dos três aqui estudados e, também, o que apresenta mais elementos da simbologia egípcia.



**Figura 12** – O túmulo em formato de Mausoléu visto de frente.

Em formato retangular o espaço mortuário chama a atenção inicialmente por sua verticalidade, sendo totalmente diferente daqueles que estão a sua volta. Pintado nas cores creme, cereja e dourado e com uma altura de aproximadamente 5m, não se parece em nada com um túmulo, pois sua construção está mais próxima a de um templo.

Quatro degraus diante da porta dividem o pequeno jardim frontal em duas partes. Em cada uma delas, além de arbustos, foi colocada numa placa de mármore branco, em forma de um livro aberto, referências de pessoas que possuem seus corpos ali depositados, as quais estão quase apagadas em função do desgaste do tempo.



**Figuras 13 e 14** – A primeira é o livro que consta os dados biográficos dos proprietários do túmulo. A segunda traz informações a respeito de três irmãs que ali se encontram enterradas.

No fundo do conjunto mortuário contém um espaço cercado por um muro baixo, medindo 3m de comprimento e 1,5 m de largura, onde em alguns períodos do ano são plantadas flores.



**Figura 15** – O fundo do Mausoléu.

Duas colunas separam a porta do túmulo confeccionada de ferro e vidro. A coluna na arte egípcia é identificada como símbolo de força e solidez podendo referir-se tanto a uma sociedade ou de uma instituição.



**Figuras 16 e 17** – As colunas que decoram a entrada do Mausoléu. A segunda é o detalhe do capitel da coluna.

Em estilo lotiforme e nas cores cereja e dourado as colunas se sobressaem no conjunto arquitetônico. Essa espécie da flora egípcia, a flor de lótus, é identificada como a primeira manifestação de vida. Na perspectiva mitológica dessa civilização o sol nasceu dessa flor, assim ela simboliza o renascimento.

De acordo com BAKOS (2004, p.50) a presença desse tipo de coluna nos cemitérios, “servem para identificar o morto como ícone da família”, e também a “concepção cristã, de morte seguida pela ressurreição”.

Por fim, encontra-se na parte superior do mausoléu, na direção da porta, está a representação do disco solar que, na perspectiva egípcia, significa a origem do faraó vivo (ver figura 12).

### **Conclusão**

Em estilos diferentes os três túmulos construídos no Cemitério Municipal São José são exemplos da egiptomania na cidade de Ponta Grossa.

A prática da egiptomania está presente em diversos espaços e é realizada de diferentes maneiras e formas, contribuindo sobremaneira para que elementos da cultura egípcia continuem presentes no mundo contemporâneo. Através de sua prática, encontramos uma visão moderna do mundo antigo que traz a tona ícones de uma civilização milenar.

### **Referência Bibliográfica**

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. In: Enciclopédia Enaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda. Editora Portuguesa. 1985.

BAKOS, Margaret M. **Corpo e egiptomania no Brasil**. Palestra proferida no XII Ciclo Anual de Debates do LHIA, em novembro de 2002.

\_\_\_\_\_ **Egiptomania: O Egito no Brasil**. São Paulo. Paris Editorial. 2004.

\_\_\_\_\_ **O Egito Antigo: na fronteira entre ciência e imaginação**. In: NOBRE, C., CERQUEIRA, F., POZZAR, K. (ed). **Fronteiras & Etnicidade no mundo antigo**. 13 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Pelotas, 2003: Canoas: ULBRA. 2005.

\_\_\_\_\_ **Um olhar sobre o Antigo Egito no Novo Mundo**. Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. 1992.

\_\_\_\_\_ **Uma noite em el Nilo: EGIPTOMANIA NO URUGUAI**. In: **Memória & Festa**/ organizadores Fábio de Souza Lessa e Regina Maria da Cunha Bustamante. Rio de Janeiro. Mauad. 2005.

\_\_\_\_\_ **Visões Modernas do Mundo Antigo: a Egiptomania**. In: Funari, Pedro Paulo A.(org); Silva Glaydson José (org); Martins, Adilton Luís (org). **História Antiga: contribuições brasileiras**. São Paulo: Annablume. Fapesp. 2008.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. In: Boletim Informativo da Casa Romário Martins. **Cemitério Municipal São Francisco de Paula: Monumento e documento**. Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba, V.22, N. 198, abril/1995.

COELHO, Liliane Cristina & SANTOS, Moacir Elias. **O Antigo Egito em espaços privados: um estudo de egiptomania**. In: Revista UNIANDRADE/ Centro Universitário Campos de Andrade – V. 6, n.1, 2005.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. São os mais sinceros votos, Paulo. Editora Brasiliense. 1995.

FUNARI, Raquel dos Santos. **Uma abordagem hermenêutica**. In: **História e-História**, São Paulo. 2004.

HUMBERT, Jean Marcel. **Egyptomania: Egypt in Western. 1730-1930**. Ottawa: Éditions e La Réunion des Musées Nationaux. 1994.

SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de. **Conhecendo as múmias da coleção egípcia do Museu Nacional a partir de imagens tomográficas.** In: Memória & Festa/ organizadores Fábio de Souza Lessa e Regina Maria da Cunha Bustamante. Rio de Janeiro. Mauad. 2005.